

APRESENTAÇÃO

Simone Maria Hüning

Liliana Parra-Valencia

Lisandra Espíndula Moreira

Anita Guazzelli Bernardes

Pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (Krenak, 2019)

As diversas crises do presente nos colocam diante de desafios e incertezas em relação aos modos de vida e produção de conhecimentos que tínhamos, até então, como referências. Sensíveis a esse momento, ao mesmo tempo em que resistimos a desmontes, genocídios, necropolíticas e epistemicídios, buscamos reunir neste livro produções coletivas derivadas da articulação de redes de pesquisa nacionais e internacionais e cooperação interinstitucionais, vinculadas ao Grupo de Trabalho “Territorialidades, violências, políticas e subjetividades” da ANPEPP.

O período de escrita destes trabalhos é marcado, para além da pandemia de covid-19, por incertezas e crises econômicas e políticas, ataques às mais diversas políticas públicas, desinvestimento massivo nas políticas de produção científica e nas universidades, aumento do desemprego e da fome, ameaças e práticas de extermínio de territórios e povos indígenas, altos índices de violência e abandono da população negra e precarização de nossa já frágil democracia. Um período que anuncia o fim de políticas, de territórios, de gente e de mundo. De modo coerente com a perspectiva ético-política e epistemológica que baliza nossas práticas de ensino, pesquisa e inserção profissional, não poderíamos passar indiferentes a essas questões, que transversalizam e compõem nossas escritas. Aceitamos, então, o convite de contar mais histórias, de registrar reflexões coletivas e “esticar um pouco mais o início do fim do mundo” (Krenak, 2019).

Os capítulos que constituem esta coletânea resultam de um processo de trabalho desenvolvido ao longo dos últimos dois anos (2020-2021) por pesquisadoras e pesquisadores de diferentes regiões e Programas de Pós-graduação do Brasil e da Colômbia e tomam como fio condutor uma discussão consistente sobre as tensões e dilemas envolvidas no ato de pesquisar os temas centrais do GT neste momento. Ao longo desse processo, os textos foram submetidos à revisão por pares que atentou

tanto para a qualidade das contribuições quanto para a construção da consistência da obra como um todo. O conjunto de textos inéditos engloba resultados de pesquisas vinculadas aos programas de pós-graduação de suas autoras e autores, proposições teórico-metodológicas originais para a pesquisa em psicologia e ensaios que fazem interface do campo da psicologia com a contemporaneidade. Além das contribuições de integrantes do GT, o livro apresenta textos de autoras convidadas cujos trabalhos e trajetórias de vida e pesquisa se entrelaçam nas discussões aqui propostas e efetivam alianças e intersecções que vêm sendo construídas em nossas práticas acadêmicas. As escritas, aqui, apresentam uma política de pesquisa, de vida e também do riso. O riso e a alegria nos permitem hoje alianças e intersecções, uma política, então, do amor: “Um filme sobre um soldado mudo. Ele se mantém calado durante todo o filme. É acompanhado por uma alemã grávida, que esperava um bebê de outro soldado russo. E a criança nasce, nasce na estrada, numa carroça. Ele levanta o bebê nos braços e a criança mija no seu fuzil. O homem ri. O riso são suas palavras. Ele olha para a criança, para o seu fuzil e ri”, relato de uma professora de artes e diretora de teatro de Chernóbil (Alesksiévitch, Svetlana, 2016, p. 305)

Nestes textos, buscamos tensionar nossos lugares e saberes em torno de dois eixos principais de reflexão: Pesquisas em tempos de incertezas e precarizações; e Afetações para alianças interseccionais. Definitivamente constituídos como escritos contra-hegemônicos no campo da psicologia, os textos denotam também um esforço para estabelecer diálogos com perspectivas descoloniais, contracoloniais, feministas, étnico-raciais, críticas, emancipatórias, cosmológicas.

No eixo de reflexão, **Pesquisas em tempos de incertezas e precarizações**, reunimos cinco trabalhos. No primeiro, intitulado “*Bajo el signo de la incertidumbre. Desafios y alternativas de la investigación psicosocial, en tiempos de pandemia*”, Liliana Parra-Valencia traz debates contemporâneos no contexto da covid-19, se aproxima de alguns estudos da Psicologia e das experiências de cuidado, das redes solidárias e dos movimentos pedagógicos na defesa da vida frente à pandemia na Latinoamérica. A partir de algumas cenas de comunidades campesinas e afroindígenas, no território ancestral de Montes de María (Sucre e Bolívar/Colômbia), analisa os desafios epistemológicos, metodológicos e ético-políticos enfrentados pela pesquisa psicossocial em tempos de incerteza, frente à covid-19 e outras pandemias. Também reflete sobre as alternativas conceituais, episte-metodológicas, ético-políticas, estéticas e cosmológicas que emergem em torno da necessária reconfiguração da investigação psicossocial e a construção de conhecimento contracolonial, para propor, finalmente, que o compromisso é com a vida.

No segundo capítulo, “Estratégias e desafios metodológicos no campo da pesquisa em psicologia jurídica”, Laura Cristina Eiras Coelho Soares e Adriano Beiras, diante do novo cenário de virtualidade, com o surgimento da pandemia

de covid-19, abordam a necessária reformulação dos projetos de pesquisa, sem deixar de lado as preocupações éticas. Entendendo o cenário da pandemia como catalisador na condução de outras metodologias, a autora e o autor, pesquisador(a) e orientador(a) no campo da Psicologia Social Jurídica, abrem estratégias na pesquisa qualitativa psicojurídica, ante o questionamento por uma investigação metodológica e eticamente implicada com teorias e reflexões críticas no contexto da pandemia. As estratégias vão desde a análise de propostas de emenda constitucionais, de processos judiciais, de reportagens/notícias de casos criminais, até recursos metodológicos como a fotografia, vídeos, o estudo de pinturas, os grupos reflexivos online e estudos sobre cibercultura pela análise de mídias sociais.

O terceiro capítulo, “Performar a vida e inventar territórios (re)existenciais: redesenhos de pesquisas no contexto de pandemia de Covid-19”, esteve a cargo de Mariana Gonçalves da Silva, Dagualberto Barboza da Silva, Luis Henrique da Silva Souza, João Paulo Pereira Barros e Carolina dos Reis. Aborda duas experiências de pesquisa sobre práticas de re-existência: uma delas tem como foco a ruptura com processos de estigmatização que se inscrevem sobre jovens na periferia de Fortaleza, já a segunda traz à tona a produção efervescente de territórios negros no centro de Porto Alegre. No contexto da covid-19, ambas experiências, nas quais o encontro dos corpos e a ocupação de territorialidades urbanas são as principais ferramentas de militância, inspiram a análise da construção de novas estratégias de resistência e de territórios existenciais, acadêmicos e de pesquisa-intervenção que tensiona as desigualdades e as multiplicidades denunciando e anunciando outros mundos.

Ainda nesse eixo de reflexão está o texto “Mapas de um mundo em ruínas: pistas para pesquisar (n)o Brasil”, de Betina Hillesheim, Lisandra Espíndula Moreira e Lilian Rodrigues da Cruz. No contexto sombrio de um mundo em ruínas, as autoras identificam a necessidade de pensar novos começos e, com isso, novos mapas, com os impasses éticos, teóricos e metodológicos que implicam. Nesse sentido, problematizam a colonização de territórios e a abertura ao novo desconhecido. Ali, a pesquisa é entendida como política de amor ao mundo, no sentido de Hannah Arendt, ou seja, enquanto responsabilidade e cuidado com o mundo comum, relaciona-se com o pensamento e a ação. O amor como categoria política se amplia à amizade, à solidariedade e ao respeito, como esperança.

Encerrando o primeiro eixo, no texto “Conexões remotas: atravessamentos político-neoliberais nas práticas de ensino e pesquisa”, apresentado por Giovana Barbieri Galeano, Camilla Fernandes Marques e Neuza Maria de Fátima Guareschi, ante o isolamento em tempos de pandemia de covid-19 e a intensificação das lógicas capitalistas e neoliberais no Brasil, as autoras problematizam o modo como o uso de tecnologias e estratégias remotas tensionam as práticas de ensino e pesquisa em psicologia. Com base em suas experiências, as análises propostas,

em torno da relação saber-poder, baseiam-se na perspectiva foucaultiana e em autoras e autores do Sul global.

O eixo **Afetações para alianças interseccionais** inclui cinco capítulos. Em “Catimbar a branquitude: palavras-vivências de pesquisadoras brancas”, Anita Bernardes, Simone Maria Hüning e Érika Cecília Soares Oliveira apresentam uma escrita de experiências em que narram e refletem sobre suas próprias vivências e subjetividades como mulheres brancas. As autoras colocam em discussão a branquitude nos espaços acadêmicos e a consequente universalização de um sujeito-autor e de experiências e subjetividades que passam a ser referidas como “outras”. A partir de afetações da vida cotidiana e acadêmica, interrogam sobre possibilidades e convidam a produzir alianças e experiências, de vida, pesquisa e escrita, que rompam com a hegemonia da branquitude.

O capítulo “Receitas manchadas de resistência: interseccionalidade e práticas de poder nas pesquisas em psicologia”, de Wanderson Vilton Nunes da Silva, parte da própria mestiçagem descolonizada e das alianças com mulheres, familiares, autoras, o corpo, a memória e a ancestralidade, que lhe permitem interpelar as práticas coloniais que silenciam ou embranquecem a ciência, a educação e a investigação, em um contexto político de práticas de inimizade. A partir da composição de manchas, fissuras e encruzilhadas na pesquisa e na academia, frente às relações de poder, o autor almeja a construção de interseções entre mundos e existências, onde a construção de conhecimento se relaciona com as políticas de alianças nas ciências, de diálogo e amizade entre diferentes cosmologias.

Rosângela Jacinto Cabral, no capítulo “Sobre lutas e afirmações no percurso de uma pesquisadora negra na universidade”, apresenta análises sobre a posição da mulher negra na sociedade brasileira, a partir do cuidadoso relato das suas vivências como pesquisadora negra numa universidade federal. O texto tensiona lugares historicamente designados para mulheres negras e problematiza noções de interseccionalidade, lugar de fala e ações afirmativas.

O capítulo “Eu pesquisadora em imagens e narrativas de uma cidade alagada”, de Elis Jayane dos Santos Silva, também apresenta reflexões a partir da sua experimentação corporificada, desde a apresentação do seu ponto de origem, a cidade de Coruripe, conectando com suas andanças na cidade de Maceió, em imagens e histórias contadas e recontadas. Compartilhando a experiência da vida e das águas entre Maceió e Coruripe, entre rio, lagoa e mar, a autora problematiza os processos de pesquisa e de escrita, mergulhada na experiência do corpo, da memória e dos afetos na cidade.

No último capítulo desse livro, “Em busca do funk perdido: entre memórias, escritas e afetos”, de Daniela Sales de Souza Leão e Jaileila de Araújo Menezes, encontramos uma carta-travessia que busca costurar ou bordar retalhos do tempo e da relação com o funk. Dessa forma, a escrita funciona como ferramenta de

memória e as autoras nos permitem acompanhar as vivências de praças, avenidas, bailes funks e letras que circulam em Recife.

Neste conjunto de escritos, experiências, memórias vivas e afetos são colocados em uma cuidadosa reflexão crítica em diálogo com nosso presente e com teorias e epistemologias contra-hegemônicas que buscam simultaneamente romper e aliançar. Este livro destina-se especialmente a pesquisadores(as), docentes e discentes da Psicologia e áreas afins e pretende contribuir sobretudo com o debate das políticas de pesquisa e escrita em torno das temáticas como territorialidades, violências, políticas e subjetividades, tendo em vista a constituição de práticas científicas e conhecimentos voltados a uma psicologia mais cidadã para todas, todos e todes. Um convite para continuarmos contando histórias e rindo.

REFERÊNCIAS

Aleksiévitche, Svetlana (2016). *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. Companhia das Letras.

Krenak, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.